


**CAMINHO POSSÍVEL PARA A CRIAÇÃO DE LAÇOS EM SALA DE AULA: INTEGRAÇÃO DE ALUNOS TÍPICOS E ATÍPICOS**

**A POSSIBLE PATH TO BUILDING BONDS IN THE CLASSROOM: INTEGRATING TYPICAL AND ATYPICAL STUDENTS**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.048-020>

**Marlia Ferreira Ribeiro**

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí  
E-mail: marliamestranda@gmail.com

**Josy Gomes da Silva**

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí  
E-mail: josyuema@gmail.com

**Andréia Barreto Lira**

Mestra em Dança pela Universidade Federal da Bahia  
E-mail: andreialira085@gmail.com

**RESUMO**

A intenção da escrita deste artigo vem da inquietação da criação de um caminho possível para a criação de laços em sala de aula procurando integrar crianças autistas e crianças típicas. Para isso foi pensado em atividades que levem as crianças a desenvolverem a percepção de seus corpos e da sua expressividade, com uma abordagem psicomotora, através da utilização do Método Sherborne, levando-as a adquirir confiança, na construção de relacionamentos positivos, maior interação social e comunicação com o/a outro(a), transformando a sala de aula em um ambiente seguro e acolhedor, favorecendo a aprendizagem e seu desenvolvimento. Realizou-se uma pesquisa de revisão bibliográfica com a contribuição de autores como Beyer(2011), Rosa Neto (2010), Sherborne(2022) que fundamentam este estudo. Concluiu-se que o uso do Método Sherborne promove o desenvolvimento das habilidades pretendidas tanto para crianças típicas quanto para crianças atípicas, e pela simplicidade de seu uso, pode ser usado em sala de aula, pela(o) professora(o) da educação infantil tornando a sala de aula um lugar de interação e ligações afetivas.

**Palavras-chave:** Integrar crianças; Método Sherborne; Lúdico; Desenvolvimento.

**ABSTRACT**

The intention behind writing this article stems from the concern about creating a possible path for building bonds in the classroom, seeking to integrate autistic and typically developing children. To this end, activities were designed to lead children to develop their body awareness and expressiveness, using a psychomotor

approach through the Sherborne Method. This aims to help them gain confidence, build positive relationships, increase social interaction and communication with others, transforming the classroom into a safe and welcoming environment that fosters learning and development. A literature review was conducted, drawing on the work of authors such as Beyer (2011), Rosa Neto (2010), and Sherborne (2022), who provide the foundation for this study. It was concluded that the use of the Sherborne Method promotes the development of the desired skills for both typically developing and atypical children, and due to its simplicity, it can be used in the classroom by early childhood education teachers, transforming the classroom into a place of interaction and affective connections.

**Keywords:** Integrating children; Sherborne Method; Play-based learning; Development.

## 1 INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo tem como finalidade expor uma inquietação quanto a inserção das crianças autistas na sala de aula, como provocar uma união entre estas e as demais crianças da sala, de maneira leve, criativa, lúdica, de modo que todas se sintam parte da turma, criando um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo, ajudando a todas, em seu tempo, na apreensão de seu aprendizado.

Este artigo é uma revisão bibliográfica com o objetivo de vislumbrar o artifício da psicomotricidade como meio de interação entre alunos típicos e atípicos. A seleção foi realizada a partir de artigos, periódicos, livros, materiais de curso de pós-graduação, e páginas da internet como blogs e sites.

Busco neste artigo contribuir com a possibilidade de pensar o lúdico e o desenvolvimento psicomotor como caminho para a integração em sala de aula, a possibilidade de inclusão e união entre as crianças. Beyer (2011) nos lembra que Vygotsky, fala da contribuição das trocas sociais para o desenvolvimento das crianças, no estabelecimento de pontes de mediação entre as crianças que apresentam maior desenvolvimento para as de níveis menores de desenvolvimento, o que é favorecido por uma diversidade no grupo em que elas convivem, e que a mediação é um recurso importante na garantia de experiências sociais e culturais dessas crianças, Beyer pensa que a qualidade dessa mediação é importante para “compensar as limitações funcionais que as crianças com deficiência enfrentam, já que a priori encontram limitações na linha orgânica ou biológica do desenvolvimento”. Mas não podemos pensar que essa interação é uma via de mão única, e Beyer ressalta:

Isto vale não apenas no que tange ao benefício potencial que as crianças com deficiência podem ter em situações de inclusão escolar. Também as ditas crianças normais perdem quanto às oportunidades de aprendizagem na convivência com crianças em situações diferenciadas das suas. (Beyer, 2011, p. 75-81)

Neste viés, de convívio e ajuda mútua será usado o método Sherborne idealizado para que as crianças dominem seus próprios corpos e com isso sejam capazes de estabelecer seus próprios relacionamentos.

## 2 A INCLUSÃO

A Declaração de Salamanca (1994) traz em seu escopo que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional dentro do sistema regular de ensino, com uma orientação inclusiva, acolhedora, voltada para uma educação para todos. E sobre a escola inclusiva enfatiza que o:

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades (Brasil, 1994, p. 5)

Já o Estatuto da Pessoa com Deficiência, lei nº 13.146/2015, considera como deficiente a pessoa que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que vão dificultar sua plena participação na sociedade, deixando – as em desigualdade com as demais pessoas, esta lei assegura um sistema educacional inclusivo ao longo de sua vida para lhes proporcionar o máximo desenvolvimento de suas habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais procurando aumentar sua participação no meio social em que vive. (Brasil, p. 9-20).

Cabe à escola providenciar métodos e técnicas pedagógicas inclusivas que levará a pessoa com deficiência a conquistar esse desenvolvimento. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) em seu artigo 59, fala das obrigações do sistema de ensino em assegurar currículos, métodos, técnicas, recursos educativos para atender os educandos com necessidades especiais. (LDB, p.23).

A Resolução CNE/CEB nº 4/2009 em seu artigo 12, coloca que o professor que atuará no atendimento especializado deve ter formação inicial em habilitação da docência e formação específica na educação especial, e sua função é atender de forma complementar ou suplementar à escolarização dos alunos público alvo da educação especial, e uma de suas atribuições é orientar e se articular com os professores das classes comuns quanto a recursos a serem utilizados, a visão de currículo com significado prático, e a avaliação processual diferenciada. (Brasil, 2009). Assim como a Resolução CNE/CEB nº 2/2021 reforça, em seu Art. 1º, que a educação inclusiva deve ser realizada em classes comuns com estratégias que garantam a participação de todos os alunos, em seu Art. 5º a acessibilidade plena e no Art. 12 a avaliação inclusiva (Brasil, 2021).

Quanto ao professor da classe comum, ele é responsável por todas as crianças de sua sala, cabe a ele tratar a todos sem discriminação, oportunizando aprendizado e participação em todas as atividades, respeitando as diferenças, oportunizando estratégias que atendam a todas as crianças, com deficiência ou sem deficiência, cabendo a ele evitar que se crie uma sala dentro da sala, provocando a união, e criando um vínculo afetivo, um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo, ajudando a todas as crianças, em seu tempo, a apreensão de seu aprendizado.

A interação com o professor especialista vai ajudar a(o) professora(o) regente em suas práticas pedagógicas e melhorar o atendimento às crianças com deficiência. Mas o que se pode pensar para além da didática, o que o professor pode trazer para ajudar na interação de seus alunos? Pensando na criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e na perspectiva da interação diária com as demais crianças na educação infantil, que tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança, nos seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, e no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RECNEI) que traz como orientação pedagógica o significado do corpo, da sua expressividade, em uma abordagem psicomotora, e com a aplicação do Método Sherborne, que ajuda no desenvolvimento de habilidades que são as mesmas para crianças típicas e atípicas, este artigo colocara uma possibilidade de pensar através de uma abordagem psicomotora e lúdica, um caminho para essa interação diária que favorecerá a união entre todas as crianças da sala de aula, favorecendo assim um desenvolvimento de suas aprendizagens individuais, e proporcionando a estas crianças um aprendizado crítico, mostrando que nossa sociedade é diversa e ensinando desde cedo o respeito à essa diversidade, respeitando o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RECNEI) quando este trata da qualidade das experiências oferecidas às crianças na educação infantil que devem contribuir para o exercício da cidadania, e trás em seus princípios “a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma” (Brasil,1998, pag. 13).

### **3 A CRIANÇA**

Pensando com Rosa Neto, F. et al.(2010) na relação entre o que a criança aprende (cognitivo) e o que ela é capaz de realizar (motor), os autores mostram a importância de colocar as crianças em contato com variadas experiências motoras e psicossociais para aumentar o domínio do seu corpo, desenvolvendo a percepção do corpo, espaço e tempo que vão auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem motora e das atividades escolares.

Rosa Neto (2007, pág.12) fala da importância do desenvolvimento motor para as crianças:

Através da exploração motriz, ela desenvolve a consciência de si mesma e do mundo exterior. As habilidades motrizes são auxiliares na conquista de sua independência. Em seus jogos e em sua adaptação social, a criança dotada de todas as possibilidades para mover-se e para descobrir o mundo é, na maior parte das vezes, uma criança feliz e bem adaptada. [...] A criança pequena vive e cresce em um mundo exterior do qual depende estreitamente – é o mundo dos objetos e o mundo dos demais. Ela percebe esse mundo exterior através de seu corpo, ao mesmo tempo em que seu corpo entra em relação com o mundo exterior.

Diante da importância para a criança, da percepção de seu próprio corpo, um dos campos de experiência em que se organiza a Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, orienta que é o “corpo, gestos e movimentos”, que visa a promoção de oportunidades para que as crianças explorem e vivenciem um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, que as levaram a descobrir os mais variados meios e modos de ocupar o espaço com seu corpo, essas oportunidades devem ser experienciadas em grupo e animadas pelo lúdico, levando-as a reconhecerem as sensações e funções de seu corpo e através de gestos e movimentos para que elas identifiquem seus limites. (Brasil, 2018, pág. 40/41).

O esquema corporal é a formação do “eu”, da personalidade da criança, sua representação de si mesma, seu desenvolvimento dá a ela a consciência de seu corpo, das relações de suas partes entre si, do movimento, de sua relação com o mundo exterior, através da exploração do seu corpo a criança é levada a experiências afetivo-emocionais, o esquema corporal servirá de base para o desenvolvimento cognitivo, para aquisição de conceitos como espaço, tempo, domínio de gestos e movimentos. (Alves, 2008, pág. 47/50).

Nessa perspectiva, quando a(o) professora(o) dá oportunidade aos seus alunos de desenvolverem suas capacidades básicas, levando-as a aprimorar sua percepção de corpo, espaço e tempo, proporcionando atividades que ajudem no desenvolvimento motor, ele está auxiliando seus alunos no desenvolvimento de sua inteligência, no seu desenvolvimento intelectual, propiciando a estes integrar e incorporar o mundo exterior.

As crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) apresentam alteração significativa na comunicação, socialização e no comportamento. A comunicação apresenta déficits na reciprocidade emocional, dificuldade de utilizar a comunicação verbal e não verbal, repetição do que lhe é dito (ecolalia), e repetição de frases ditas a horas e dias (tardia). O comportamento apresenta padrões restritos e repetitivos, estereotipados, movimentos e manipulação de objetos de forma repetitiva e estereotipada, possui rituais verbais e não verbais, é inflexível às mudanças, possui padrões rígidos de comportamento e pensamentos, assim como seus interesses por determinado assunto ou objeto é restrito, fixo e intenso, possui um déficit cognitivo e de percepção sensorial anormal, todas essas dificuldades levam também a problemas de socialização de crianças com TEA. (NEUROSABER, 2020)

O TEA interfere na vida social e independência da criança, portanto,

TEAs podem limitar significativamente a capacidade de uma pessoa para atividades cotidianas e a participação na sociedade. Eles muitas vezes têm um impacto negativo nas conquistas educacionais e sociais e nas oportunidades de emprego. Embora algumas pessoas com TEA possam viver de forma independente, existem outras pessoas com deficiências severas que precisam de atenção e apoio constante ao longo de suas vidas. (AMA, 2017)

Diante deste quadro vemos que o papel da escola é fundamental para essas crianças, no sentido de propiciar a convivência com outras crianças e adultos promovendo seu desenvolvimento social, a autonomia e as habilidades adaptativas. Ao propiciar a convivência com a diversidade humana, a escola não só favorece a aprendizagem acadêmica, mas também contribui para o equilíbrio pessoal, o bem-estar emocional e a construção de uma trajetória de vida com mais autonomia e pertencimento social, que favorece a aprendizagem, equilíbrio pessoal, bem-estar emocional, ajudando o autista no convívio com a sociedade e autonomia.

#### **4 O MÉTODO SHERBORN (*RELATION PLAY*)**

O Movimento Sherborne, também conhecido como *Relation Play*, é um método de intervenção utilizado junto a crianças com necessidades especiais, principalmente em crianças com TEA (transtorno do espectro autista), Síndrome de Down e Deficiência mental. Foi desenvolvido entre os anos de 1950 e 1990 por Veronica Sherborne, professora de educação, dança e fisioterapeuta, que desenvolveu o método após sua experiência com o bailarino e coreógrafo Rudolf Laban, ao qual colaborou em seu livro “Dança educativa moderna”. Para iniciar a exposição e compreensão do método, se faz necessário uma breve consideração do que pensava Laban sobre movimento, enfatizo que essa é uma “breve” colocação, já que Laban deixou um extenso trabalho sobre dança e movimento.

Rudolf Laban foi um coreógrafo, bailarino, artista plástico e estudioso do movimento humano, austro-húngaro, considerado o maior teórico da dança do século XX, e o Pai da “Dança, Teatro”, criou um método amplo de análise de movimento, que tem como base a forma natural das pessoas se movimentarem. Laban elaborou alguns princípios básicos para a análise do movimento, que são: o corpo, o que se move, nossa coordenação e formas assumidas durante o movimento; a qualidade do movimento, como se move, que é a nossa consciência corporal e integração entre suas partes; o espaço, onde se move, nosso lugar de ocupação e de como somos tomados por ele, nosso espaço pessoal, nossa noção de altura, largura e profundidade; o relacionamento, com quem se move, que são as pessoas que encontramos, convivemos, estabelecemos contatos e ligações. Laban entendia que todo ser humano têm sua forma de lidar com o espaço, tem um ritmo ao falar e se mexer, usa uma intensidade ao pegar as coisas ou nas pessoas, e seu jeito de expressar este espaço, peso e tempo, que é fator de ligação entre um movimento e outro do corpo, sem que haja uma interrupção, seus estudos de análise dos movimentos permitiram que se introduzisse a dança em contextos terapêuticos e dança educativa. (Mota, 2012, pág. 58-70)

E sobre sua compreensão e consciência do corpo Sherborne fala sobre sua experiência com Laban:

Aprendi com Laban uma compreensão e uma consciência diferentes do corpo humano e de seus movimentos. [...] Por meio de minha própria experiência de ensino e observação do movimento humano, cheguei à conclusão de que todas as crianças têm duas necessidades básicas: elas precisam se sentir em casa em seus próprios corpos e, assim, adquirir domínio do corpo e precisam ser capazes de estabelecer relacionamentos. (Sherborne, 2022)

Dessa forma, existem dois objetivos básicos no Movimento Sherborne, a consciência de si mesmo e a consciência dos outros. A consciência de si mesmo é obtida por meio de movimentos que ajudem as pessoas a se concentrar, e passem a ter consciência do que acontece com seu corpo; a consciência dos outros começa ao aprender a se mover e interagir com outras pessoas de maneira a incentivar o desenvolvimento de confiança e a construção de relacionamentos positivos, o que é encorajado por meio de atividades de movimentos compartilhadas. Esse método desenvolve a autoconfiança, autoconhecimento, conscientização corporal e espacial, promove a interação social e a comunicação entre os participantes, processos de desenvolvimento importante para a criança com TEA, em que as áreas comprometidas de seu desenvolvimento incluem comunicação/linguagem, interação social e comportamento. (Sherborne, 2022)

Caminhando pelo site/blog Creative Ideias, que capacita profissionais e estudantes nas áreas de Educação Especial Inclusiva, entendemos que no Movimento Sherborne está sempre presente a linguagem corporal, a mímica, expressões faciais, contato ocular e toque nas atividades, e possui quatro atividades com objetivos diferentes, como **desenvolver a consciência do corpo** incentivando a criança a experimentar e explorar o seu corpo, como o autista tem dificuldade de associar as partes do corpo, a habilidade de esquema corporal, essa atividade é muito importante para ele entender a organização das partes, dando a possibilidade dele controlar seu corpo à medida que o conhece. Atividades como arrastar-se pelo chão são benéficas para a construção da imagem corporal, como exemplo de atividade deitar relaxado, deixando o peso do corpo descansar no chão, o quadril, depois a barriga, as costas; **desenvolver a consciência de espaço** para desenvolver na criança a segurança de explorar e movimentar-se no espaço, para os lados, para frente e para trás, para o alto e para baixo, as atividades no chão, com mudanças de direção, estabilidade e descarga do peso do corpo; **desenvolver sentimento de segurança e estabelecer uma relação com o outro** através da interação entre elementos num jogo promove-se o desenvolvimento das capacidades de comunicação (verbal e/ou não verbal), e estabelece-se uma comunicação corporal em que cada um precisa conhecer e compreender os sinais do outro, no movimento Sherborne são 3 tipos de jogos de relacionamento, o com, o partilhado e o contra. Abaixo será discriminado cada jogo de relacionamento:

- 1- Relacionamento “com”, o elemento passivo recebe os cuidados do ativo. Um exemplo deste movimento é o parceiro ativo sentar-se no chão e balançar o outro nos braços (FIGURA 1).

Figura 1 – Relacionamento “com”



Fonte: Site Diário: mãe de um autista<sup>1</sup>.

- 2- Relacionamento “contra” ambos provam a sua força, sem que haja um vencedor, leva a criança a focar sua energia na realização da atividade e se concentrar em seu corpo, e aprende a ajustar sua força à do outro e a ter sensibilidade do momento em que deva desistir da atividade. Exemplo, os dois sentados no chão, um de costas para o outro, costas juntas, e tentam mudar o outro de lugar que se observa-se na figura 2.

Figura 2 – Relacionamento “contra”



Fonte: Site Diário: mãe de um autista<sup>2</sup>.

- 3- Relacionamento “partilhado”, os movimentos são realizados em conjunto, para que aprendam a confiar e a cooperar, têm que ouvir o seu próprio corpo e o corpo do parceiro. Exemplo é os dois sentados no chão, um de frente para o outro, mãos dadas, tentam se levantar em conjunto (FIGURA 3).

Figura 3 – Relacionamento “partilhado”



Fonte: Site Diário: mãe de um autista<sup>2</sup>.

A quarta atividade visa **desenvolver o sentimento de segurança e estabelecer relações em grupo** com 3 pessoas trabalhando em conjunto, como exemplo pode-se desenvolver um exercício onde todos

<sup>1</sup> Disponível em: <http://diariomaedeumautista.blogspot.com/2013/08/sherborne-developmental-movement.html> Acesso em: 07 jun. 2022.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://diariomaedeumautista.blogspot.com/2013/08/sherborne-developmental-movement.html> Acesso em: 07 jun. 2022.

formem um túnel, o último da fila engatinha dentro do túnel e posiciona-se no fim do túnel, e assim sucessivamente.

Mello (2005), em seu guia prático sobre autismo fala que esse método não atinge todas as crianças com autismo, mas sua utilização possibilita uma interação agradável entre os pais, familiares e educadores, o que nem sempre é fácil de conseguir, o que faz deste método um valioso recurso. Mello (2013) explica que as diferentes intervenções terapêuticas e educacionais para pessoas autistas e sua efetividade, que apesar dos avanços nos estudos sobre o autismo, essas intervenções não são unanimidade nas discussões mundial, e lembra que o importante no uso de qualquer dos métodos é que seja aplicado de maneira individualizada, para adequar às habilidades e dificuldades da pessoa autista.

As interações observadas durante as atividades com o Método Sherborne, por meio do movimento corporal, auxiliam na construção de relações sociais e na autoconfiança, tanto de alunos típicos como atípicos, e pode servir de base para compor métodos de avaliações diferenciadas, com o registro de processos que não são mensurados pelos instrumentos tradicionais como a evolução psicomotora e os comportamentos sociais, incluindo a comunicação não-verbal.

A intenção ao pensar esse caminho não é o de transformar o professor em terapeuta, o que está longe de sua formação, e sim de pensar uma maneira de levar à interação de alunos típicos e atípicos ajudando em seu processo de interação e desenvolvimento de aprendizagem. Todos os exercícios possibilitados pelo método são de fácil implementação em sala de aula, pelas professoras e professores da educação infantil, como se pode constatar nas figuras 1,2 e 3.

## 5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento de habilidades pretendidas com a aplicação do Método Sherborne são as mesmas para crianças típicas e atípicas, lembrando que o Método não visa atingir todas as crianças autistas, assim como percebemos que o Método colabora no atendimento de algumas exigências legais vigentes quanto a integração de crianças com deficiência, oferecendo instrumentos práticos de implementação. E a educação infantil tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, já O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RECNEI) traz como orientação pedagógica o significado do corpo, da sua expressividade, em uma abordagem psicomotora. Portanto, o uso dos exercícios e jogos do *Relation Play* pode ir além das aulas de educação física e dos consultórios de psicomotricistas, eles podem ser usados dentro da sala de aula, pelas professoras da educação infantil, com o intuito de desenvolver habilidades de seus alunos, típicos e atípicos, tornar a sala de aula um espaço acolhedor e seguro, momentos de interação, criação de ligações afetivas, de ajuda mútua, que fortalecerá os laços entre seus alunos e promoverá a aceitação da diferença e o entendimento do outro.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção** / Fatima Alves – 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- DEFINIÇÃO: Transtornos do espectro do autismo. **AMA**, 2017 Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/autismo/definicao/> Acesso em: 07 mai. 2022.
- BEYER, H. O. (2011). <b>Por que Lev Vygotski quando se propõe uma educação inclusiva?</b>. **Revista Educação Especial**, (26), 75–81. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4400> Acesso em: 31 mai. 2022.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 31 mai.2022.
- BRASIL. **Lei Federal Nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em: 31 mai. 2022.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 4/2009**: Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf). Acesso em: 07 jun. 2022.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- RELATION PLAY. **CREATIVE IDEIAS**, 2014. Disponível em: <https://creativeideias.blogspot.com/search?q=relation+play> . Acesso em: 08 jun. 2022.
- DSM-5 e o diagnóstico no TEA. **Instituto Neurosaber**, 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/dsm-5-e-o-diagnostico-no-tea/> Acesso em: 07 mai. 2022.
- MOTA, Julio. LABAN, Rudolf. A coreologia e os estudos coreológicos. **Revista Repertório**, nº18, p. 58-70, 2012.1. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/issue/view/657> Acesso em: 08 jun.2022.
- MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 4. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2005.
- MELLO, Ana Maria S. Ros de; ANDRADE, Maria América; CHEN, Helena Ho; DIAS, Inês de Souza. **Retratos do autismo no Brasil**. 2013. Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/wp-content/uploads/2017/08/RetratoDoAutismo.pdf> Acesso em: 07 mai. 2022.
- MOVIMENTO DE DESENVOLVIMENTO SHERBORNE. **Sherborne Movement UK**. Disponível em: <https://www.sherbornemovementuk.org/> Acesso: 08 jun. 2022.

**ROSA NETO, F. et al.** A importância da avaliação motora em escolares: análise da confiabilidade da Escala de Desenvolvimento Motor. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, v. 12, n. 6, p. 422–427, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcdh/v12n6/v12n6a05>. Acesso em: 07 jun. 2022.

NETO, Francisco Rosa. **Manual de avaliação motora** [recurso eletrônico] / Francisco Rosa Neto: – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2007.

RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban** (livro eletrônico) / Lenira Rangel. Curitiba: Ponto Vital Editora, 2015.

SHERBORNE DEVELOPMENTAL MOVEMENT. **Diário: mãe de um autista**. Disponível em: <http://diariomaedeumautista.blogspot.com/2013/08/sherborne-developmental-movement.html> Acesso em: 07 jun. 2022.